

uma sombra do passado

nora roberts

Tradução de Isabel Penteado

*Para Homer e Pancho,
e todos os que adoçaram a minha vida antes deles.*

P R I M E I R A
P A R T E

*Devidamente treinado, um homem pode
ser o melhor amigo de um cão.*

— COREY FORD

U M

N uma fria manhã de fevereiro, em que uma chuva nebulosa foscava as janelas, Devin e Rosie Cauldwell faziam amor lenta e indolentemente. Era o terceiro dia da semana de férias e há dois meses que tentavam conceber um segundo filho. Rosie estava convicta de que o filho de 3 anos, Hugh, era produto de um fim de semana prolongado na ilha de Orcas — arquipélago das San Juan —, de uma tarde chuvosa e de uma garrafa de Pinot Noir.

O casal tinha esperança de repetir o sucesso naquele regresso a Orcas e estava alegremente empenhado na sua missão enquanto o filho pequeno dormia, com o seu adorado *Wubby*, no quarto ao lado.

Era ainda demasiado cedo para o vinho, mas, para Rosie, a chuva miudinha era sinal de bom augúrio.

Já aninhados nos braços um do outro, relaxados e quentes do sexo, ela sorriu.

— Quem é que teve a melhor ideia de todos os tempos?

Devin deu-lhe um leve apertão no traseiro. — Foste tu.

— Espera aí, que eu acabo de ter outra.

— Acho que vou precisar de alguns minutos primeiro.

Ela riu-se, rolou e apoiou-se no peito dele para lhe sorrir. — Esquece o sexo por um instante, meu libertino.

— Acho que também vou precisar de alguns minutos para isso.

— Panquecas. Precisamos de panquecas. Manhã chuvosa, uma casinha acolhedora... exige, sem dúvida, umas panquecas.

Ele franziu o sobrolho. — E quem é que as vai preparar?

— Deixemos a decisão nas mãos do destino.

Rosie levantou-se subitamente e, de acordo com uma antiga tradição da família Cauldwell, jogaram o Pedra, Papel ou Tesoura — à melhor de três.

— Raios! — resmungou ela quando ele lhe esmogou a «tesoura» com a «pedra».

— Vence o mais competente.

— Uma ova. Mas é justo e, de qualquer modo, tenho de ir fazer xixi.

— Rosie dobrou-se para dar um sonoro beijo ao marido e saltou da cama.

— Adoro as férias — disse ela, enquanto se dirigia apressadamente para a casa de banho.

Rosie estava a adorar especialmente aquelas férias, com os seus dois rapazes lindos. Se a chuva perdurasse, ou se se intensificasse, ficariam entretidos em casa. Mas se o tempo desanuviasse, talvez pusessem Hugh no porta-bebés e dessem uma volta de bicicleta, ou então fizessem uma boa caminhada.

Hugh adorava o local, com os pássaros, o lago, os veados que já tinham conseguido vislumbrar e, claro está, os coelhos — todos irmãos do seu adorado *Wubby*.

E podia ser que ele ganhasse um irmãozinho no outono. Rosie estava no seu período de ovulação... não que estivesse obcecada com a ideia de engravidar, contar dias não era nenhuma obsessão, pensou ela enquanto prendia os cabelos desgrenhados do sono e do sexo com uma fita. Era apenas autoconhecimento.

Agarrou numa *sweatshirt* e numas calças de flanela e olhou para trás em direção a Devin que tinha voltado a dormir.

Estava verdadeiramente convicta de que, daquela vez, tinham acertado na muche.

Encantada com a ideia, calçou umas meias grossas e olhou de relance para o relógio que havia deixado em cima da cómoda.

— Céus, já passa das oito! Devemos ter exaurido o Hugh ontem à noite, para ele dormir até tão tarde.

— Provavelmente é da chuva — murmurou Devin.

— Sim, provavelmente.

Ainda assim, Rosie encaminhou-se para o quarto do filho, como fazia todas as manhãs, estivesse em casa ou fora. Avançou silenciosamente, com intenção de o deixar dormir, pois seria uma mais-valia se pudesse tomar o seu primeiro café antes de ouvir o primeiro «mamã» do dia.

Espreitou pela porta, na expectativa de o ver aconchegado com o seu coelhinho de peluche. A cama vazia não lhe despertou o pânico. Podia ter-se levantado para fazer xixi, tal como ela. O menino andava a sair-se muito bem com o treino do bacio.

Mesmo quando não o encontrou na pequena casa de banho, no final do corredor, não entrou em pânico. Como o filho acordava habitualmente cedo, haviam-no encorajado a brincar um bocadinho antes de os acordar. Costumava ouvi-lo a falar com os brinquedos, ou a fazer corridas com os carrinhos, mas havia estado um bocadinho distraída a fazer sexo.

Meu Deus, pensou ela enquanto descia as escadas. E se o menino tivesse espreitado enquanto o faziam? Não, ele teria entrado de imediato e perguntado que espécie de jogo era aquele.

Soltou uma meia gargalhada e entrou na bonita sala de estar, na esperança de ver o seu menino a brincar no chão, rodeado de brinquedos.

Como tal não aconteceu, sentiu o primeiro sobressalto.

Chamou pelo filho, deslocando-se agora de forma rápida, enquanto deslizava ligeiramente com as meias sobre o soalho de madeira.

O pânico golpeou-a como uma faca no estômago.

A porta da cozinha estava escancarada.

Pouco depois das nove, Fiona Bristow estacionou diante da bonita casa de férias no coração do Parque Estatal Moran. A chuva caía suavemente no solo, mas a sua constância fazia antever uma busca bastante enlameada. Fez sinal ao seu parceiro para que permanecesse no interior da *pick-up* e saiu para falar com um dos agentes da polícia local.

— Davey.

— Olá, Fee. Chegaste depressa.

— Não estava longe. O resto do pessoal vem a caminho. Vamos usar a casa como base de operações, ou queres que a instalemos noutra sítio?

— Vamos usar a casa. Vais certamente querer falar com os pais, mas vou já pôr-te a par do essencial. Hugh Cauldwell, três anos de idade, louro, olhos azuis. Quando o viram pela última vez, vestia um pijama do Homem-Aranha.

Fiona viu-o contrair ligeiramente os lábios. Davey tinha um filho aproximadamente da mesma idade de Hugh e ela calculava que também ele tivesse um pijama do Homem-Aranha.

— A mãe deu pela falta dele por volta das oito e um quarto

— continuou Davey. — Encontrou a porta das traseiras aberta. Não há sinais aparentes de arrombamento, nem da presença de um intruso. A mãe alertou o pai. Eles ligaram imediatamente para a esquadra e saíram para o procurar pelas imediações, gritando pelo nome dele.

E, com isso, haviam deixado o solo com mais pegadas, pensou Fiona. Mas quem podia censurá-los?

— Fizemos uma busca ao interior da casa e ao terreno circundante, para nos certificarmos de que ele não estivesse apenas a esconder-se. — Davey virou-se para Fiona com chuva a escorrer-lhe da pala do boné. — Ele não está em casa e a mãe diz que ele levou o coelho de peluche. O Hugh dorme com o boneco e costuma andar com ele. Temos guardas-florestais nas buscas, e o McMahan e o Matt também — acrescentou ele, referindo-se ao xerife e a um jovem ajudante. — O McMahan deu-me autorização para contactar a tua equipa e destacou-me para a base.

— Vamos preparar tudo e começar imediatamente. Agora gostava de falar com os pais, se não vires inconveniente.

Davey indicou-lhe a casa. — Eles estão assustados, como seria de esperar, e querem ir à procura dele. Pode ser que consigas ajudar-me a demovê-los dessa ideia.

— Verei o que consigo fazer. — Com isso em mente, Fiona regressou à *pick-up* e abriu a porta ao seu parceiro. *Peck* saltou do veículo e acompanhou-a, e a Davey, até à casa.

Ao sinal de anuência de Davey, Fiona aproximou-se do casal, que se levantou de imediato do sofá. A mulher tinha um pequeno carro de bombeiros vermelho fechado numa mão.

— Senhor e Senhora Cauldwell, chamo-me Fiona Bristow e faço parte da Unidade Cinotécnica de Busca e Salvamento. Este é o *Peck*. — Pousou uma mão na cabeça do labrador castanho. — O resto da minha equipa vem a caminho. Vamos ajudar a procurar o Hugh.

— Tem de ir. Tem de ir já. Ele só tem três anos.

— Sim, senhora. A minha equipa está prestes a chegar. Mas ser-nos-ia muito útil obter primeiro algumas informações.

— Já dissemos tudo à polícia e aos guardas-florestais. — Devin olhou para a janela. — Tenho de ir lá para fora procurá-lo. Estamos a perder tempo aqui.

— Senhor Cauldwell, posso garantir-lhe que a polícia e os guardas-florestais estão a fazer tudo o que podem para encontrar o Hugh. Eles chamaram-nos porque a primeira prioridade de todos é encontrá-lo.

Somos pessoas experientes e o vosso menino é agora o nosso único foco. Vamos coordenar esforços com a polícia e os guardas do parque. Preciso de ter a certeza de que estou na posse de toda a informação, para podermos otimizar os nossos recursos. A senhora deu por falta do Hugh por volta das oito e um quarto, correto?

As lágrimas voltaram a transbordar dos olhos de Rosie. — Eu devia ter ido vê-lo mais cedo. É raro ele acordar depois das sete. Eu devia...

— Senhora Cauldwell... Rosie — corrigiu Fiona, usando o primeiro nome num gesto de conforto. — Não se culpe. As crianças são curiosas, não são? O Hugh nunca tinha saído sozinho de casa?

— Nunca, nunca. Eu pensei que ele tinha vindo brincar cá para baixo, mas não o encontrei e fui até à cozinha. E a porta... a porta estava aberta. Escancarada. E não consegui encontrá-lo.

— Talvez pudesse mostrar-me... — Fiona fez sinal para que *Peck* a seguisse. — Ele está de pijama?

— Do Homem-Aranha. Ele deve estar com frio, molhado e assustado. — Começou a chorar convulsivamente enquanto se dirigiam para a cozinha. — Não compreendo o que pode fazer que a polícia não possa.

— Somos mais um recurso e o *Peck* foi treinado para isto. Já participou em dezenas de buscas.

Rosie limpou as lágrimas das faces. — O Hugh gosta de cães. Ele gosta de animais. Se o cão ladrar, pode ser que o Hugh oiça e regresse.

Sem nada dizer, Fiona abriu a porta das traseiras e agachou-se para conseguir a mesma perspetiva de um menino de 3 anos. *Ele gosta de animais.* — Aposto que se veem muitos animais selvagens por estas bandas. Veados, raposas, coelhos.

— Sim. Sim. É muito diferente de Seattle. Ele adora observar a paisagem das janelas e do *deck*. E fizemos caminhadas e passeios de bicicleta.

— O Hugh é tímido?

— Não. Oh, não, é muito aventureiro e sociável. Destemido. Oh, meu Deus.

Seguindo o seu instinto, Fiona colocou um braço em torno dos ombros trémulos de Rosie. — Rosie, se não se importar, vou preparar-me aqui na cozinha. Preciso que me vá buscar cinco coisas que o Hugh tenha usado recentemente. As meias de ontem, roupa interior, camisola, coisas desse estilo. Cinco pequenas peças de roupa. Tente não as manusear muito. Coloque-as aqui dentro. — Fiona entregou-lhe uns sacos de plástico. — Somos uma equipa de cinco pares. Cinco tratadores e cinco cães. Cada

um de nós utilizará um pertence do Hugh para que os cães sintam o seu cheiro.

— Eles... eles vão seguir-lhe o rasto?

Era mais fácil concordar do que tentar explicar como os cães farejavam o ar, ou o que eram cones de cheiro. O menino já havia desaparecido há mais de uma hora. — Exatamente. Ele tem alguma guloseima favorita? Algo de que goste especialmente, algo que a senhora lhe dê quando ele se porta bem?

— Como por exemplo... — Rosie desviou os cabelos do rosto e olhou inexpressivamente em volta. — Ele adora gomas em forma de minhocas.

— Ótimo. Tem aí algumas?

— Eu... sim.

— Se pudesse trazer-me a roupa e as minhocas... — disse Fiona com um sorriso. — Vou preparar tudo. Estou a ouvir a minha equipa a chegar, por isso vou preparar as coisas.

— OK. OK. Por favor... ele só tem três anos.

Rosie saiu disparada da cozinha. Fiona cruzou brevemente o olhar com *Peck* e começou a preparar a operação.

Assim que a sua equipa, humana e canina, chegou, ela pô-la a par da situação e começou a atribuir sectores de busca com a ajuda de mapas. Fiona conhecia muito bem aquela zona.

Um paraíso para quem procurava tranquilidade e belas paisagens, fugir ao stress e ao trânsito, afastar-se de edifícios e de multidões, pensou. E, para um menino perdido, um mundo repleto de perigos. Regatos, lagos, rochas. Mais de quarenta quilómetros de trilhos pedestres e mais de dois mil hectares de floresta onde procurar um menino de 3 anos de idade e o seu coelho de peluche.

— A chuva está mais cerrada, por isso vamos cingir a busca a esta área. — Como chefe de operações no terreno, Fiona delimitou as secções no mapa enquanto Davey anotava os dados num grande quadro branco. — Algumas zonas vão sobrepor-se à de outras equipas, mas vamos mantendo em contacto para não tropeçarmos uns nos outros.

— Nesta altura, ele já está molhado e cheio de frio. — Meg Greene, mãe de dois e avó recente, olhou para o marido, Chuck. — Pobrezinho.

— E um miúdo daquela idade não tem sentido de orientação. Pode andar a deambular por qualquer parte. — James Hutton franziu o sobrolho enquanto verificava o seu rádio.

— Pode ser que se tenha cansado e esteja encolhido em algum sítio, a

dormir. — Lori Dyson anuiu com a cabeça em direção ao seu pastor-alemão, *Pip*. — Ele pode não ouvir os nossos chamados, mas os nossos companheiros vão seguir-lhe o cheiro.

— É esse o plano. Já todos têm as suas coordenadas? Rádios e mochilas a postos? Não se esqueçam de definir o vosso rumo com as bússolas. Como a Mai teve uma cirurgia de urgência, o Davey está sozinho na base de operações, por isso entramos em contacto com ele à medida que percorrermos os sectores.

Fiona calou-se quando o casal Cauldwell entrou na divisão.

— Eu tenho... — O queixo de Rosie tremelicava. — Tenho aqui o que me pediu.

— Que bom. — Fiona aproximou-se dela e pousou as mãos nos ombros da mãe apavorada. — Pensamento positivo. Todos os que estão lá fora têm um único propósito, uma única coisa em mente: encontrar o Hugh e trazê-lo para casa. — Pegou nos sacos e passou-os aos outros elementos da equipa. — OK, vamos buscá-lo.

Saiu com os seus colegas e pôs a mochila às costas. *Peck* estava ao seu lado e o único sinal visível de que estava ansioso por começar era um ligeiro tremor corporal. Os cinco separaram-se para ocuparem os sectores que lhes haviam sido atribuídos e, tal como a restante equipa, Fiona definiu o seu rumo com a bússola e o mapa.

Abriu então o saco que continha a pequena meia e aproximou-a do nariz de *Peck*.

— Este é o Hugh. O Hugh é apenas um menino, *Peck*. Este é o Hugh.

O cão cheirou entusiasticamente, pois sabia qual era o seu trabalho. Olhou de relance para Fiona, tornou a cheirar e depois fitou-a nos olhos com o corpo a tremer como se dissesse: «OK, já está! Vamos embora!»

— Busca o Hugh! — Fiona fez-lhe sinal com a mão e *Peck* levantou o focinho para farejar o ar. — Vamos procurar o Hugh!

Fiona ficou parada a vê-lo farejar em círculos e deixou-o deambular em busca do rasto do menino. A incessante chuva miudinha era um obstáculo, mas *Peck* trabalhava bem com a chuva.

Ela manteve-se no mesmo sítio, dirigindo-lhe palavras de encorajamento, enquanto o cão perscrutava o ar e a chuva tamborilava sobre o seu corta-vento amarelo-vivo.

Quando *Peck* avançou para leste, Fiona seguiu-o para o meio do denso arvoredo.

Com 5 anos de idade, *Peck* era já um veterano. Era um labrador

castanho, com cerca de trinta quilos de peso. Um animal forte, inteligente e incansável. Fiona sabia que ele seria capaz de procurar durante horas a fio, sob quaisquer condições, sobre qualquer tipo de terreno, por vivos ou mortos. Era só pedir-lhe que o fizesse.

Juntos, embrenharam-se na floresta, percorrendo solo macio e empapado, com agulhas caídas dos pinheiros altos e dos cedros seculares, ultrapassando e contornando agregados de cogumelos e troncos caídos cobertos de musgo verde, atravessando silvados repletos de espinhos. Enquanto procuravam, Fiona mantinha-se atenta à linguagem corporal do seu parceiro, anotava pontos de referência, verificava a bússola. De poucos em poucos minutos, *Peck* olhava para trás, em direção a ela, para a informar que continuava a perseguir o seu objetivo.

— Busca o Hugh! Vamos procurar o Hugh, *Peck*.

Peck deu sinal de alerta, demonstrando interesse num pedaço de solo em torno de um tronco caído. — Encontrei alguma coisa, foi? Muito bem. Lindo menino. — Fiona marcou o local com fita adesiva azul-vivo e, mantendo-se ao lado dele, perscrutou a paisagem envolvente enquanto chamava pelo nome de Hugh. Depois fechou os olhos e pôs-se à escuta.

Mas só conseguia ouvir o leve som da chuva e o sussurro do vento por entre as árvores.

Quando *Peck* encostou o focinho às suas pernas, Fiona tirou o saco com a meia do bolso e abriu-o, para que o cão pudesse voltar a cheirá-la.

— Busca o Hugh — repetiu ela. — Vamos procurar o Hugh.

Peck pôs-se novamente em marcha e Fiona, com as suas resistentes botas de montanha, passou por cima do tronco e seguiu-o. Quando o cão virou para sul, ela comunicou a sua nova posição à base e entrou em contacto com os colegas de equipa.

O menino já estava fora de casa havia, pelo menos, duas horas, pensou ela. Uma eternidade para uns pais preocupados.

Mas as crianças pequenas não tinham a noção do tempo. As crianças da idade de Hugh não paravam quietas, refletiu ela, e nem sempre entendiam o conceito de «perdido». Deambulavam, atraídas por coisas que viam e ouviam, e, como tinham uma resistência considerável, Hugh seria capaz de vaguear durante horas antes de se exaurir e perceber que queria a mãe.

Fiona viu um coelho esconder-se no meio do mato rasteiro. *Peck* tinha demasiada dignidade para lhe dedicar mais do que um olhar de relance.

Mas... e o menino?, pensou Fiona. O menino que amava o seu «Wubby», que gostava de animais? Que, segundo a mãe, era fascinado pela floresta? Não tentaria apanhá-lo, provavelmente na esperança de poder brincar com ele? Iria tentar segui-lo, não iria? *Menino da cidade*, pensou ela, *encantado com a floresta, a vida selvagem, com tudo o que era diferente.*

Como poderia ele resistir?

Ela entendia bem a magia daquele lugar. Também ela havia sido em tempos uma menina da cidade e se deixara encantar e hipnotizar pelas sombras verdes, pela dança da luz, a vastidão de árvores, montanhas e mar.

Uma criança podia muito facilmente perder-se nos hectares e hectares do parque.

Ele está com frio, pensou ela. *Está com fome e assustado. Quer a mãe.*

Quando a chuva se intensificou, eles prosseguiram — o cão incansável e a mulher alta de calças grossas e botas de montanha. O rabo de cavalo de cabelo ruivo-claro pendia-lhe, ensopado, pelas costas, enquanto os olhos azul-claros perscrutavam a escuridão.

Quando *Peck* mudou novamente de direção e começou a descer uma encosta sinuosa, Fiona traçou um quadro na sua mente. Se continuassem naquela direção, a menos de quatrocentos metros mais adiante encontrariam o regato que demarcava a fronteira sudoeste do seu sector. Chuck e o seu *Quirk* efetuavam a busca do outro lado. Naquela altura do ano, a corrente era forte, a água gelada e as margens do regato estavam escorregadias, devido ao musgo e à chuva.

Ela esperava que o menino não se tivesse aproximado demasiado ou, pior, tentado atravessá-lo.

E o vento estava a mudar, constatou ela. Raios. Teriam de se adaptar às novas condições. Daria de novo a meia a cheirar a *Peck* e fariam uma pausa para beber água. Já haviam partido há quase duas horas e, embora *Peck* tivesse ladrado em três locais distintos, ela ainda não havia visto sinal do menino — um pedaço de roupa num galho, uma pegada no solo encharcado. Fiona tinha sinalizado esses locais com fita azul; usava uma outra fita, cor de laranja, para assinalar o caminho percorrido e por isso sabia que haviam intercetado as próprias pegadas, uma ou duas vezes.

Decidiu entrar em contacto com Chuck. Se *Peck* tivesse encontrado o rasto e a criança tivesse atravessado o regato...

Recusou-se a pensar que ele pudesse ter caído à água. Não consideraria ainda essa hipótese.

No momento em que pegava no rádio, *Peck* voltou a dar sinal. Desta vez, o cão desatou a correr, lançando-lhe um brevíssimo olhar de relance sobre a omoplata.

E Fiona viu o brilho nos seus olhos.

— Hugh! — gritou ela, para se fazer ouvir por cima do matraquear da chuva intensa e do assobio do vento.

Não ouviu o menino, mas ouviu os três latidos rápidos de *Peck*.

Tal como o cão, também Fiona desatou a correr, resvalando um pouco ao fazer a curva na encosta íngreme.

E viu, perto da margem do apressado regato — um pouco perto de mais para o seu gosto — um menino muito molhado, esparramado no chão, com os braços em volta do cão.

— Olá, Hugh. — Aproximou-se rapidamente, agachou-se e tirou a mochila dos ombros. — Sou a Fiona e este é o *Peck*.

— Cãozinho — disse Hugh, choramingando contra o pelo de *Peck*. — Cãozinho.

— É um bom cãozinho. É o melhor cãozinho do mundo. — Enquanto *Peck* abanava a cauda em concordância, Fiona tirou uma manta térmica da mochila. — Vou embrulhar-te... e também ao *Wubby*. Esse é o *Wubby*?

— O *Wubby* caiu.

— Estou a ver. Não faz mal. Vamos aquecer-vos, OK? Magoaste-te? Oh-oh — disse ela num tom alegre, enquanto colocava a manta em torno dos ombros do menino, ao ver a lama e o sangue que ele tinha nos pés. — Dói, não é? Vamos já tratar disso tudo.

Ainda abraçado a *Peck*, Hugh virou o rosto e olhou para Fiona com o beicinho trémulo. — Quero a minha mamã.

— Claro que sim. Eu e o *Peck* vamos levar-te à mamã. Olha, vê o que a mamã mandou para ti. — Tirou o pequeno saco com as gomas em forma de minhocas.

— Menino mau — disse Hugh, ainda agarrado a *Peck*. Mas olhou interessadamente para as guloseimas.

— A mamã não está zangada. E o papá também não. Toma. — Deu-lhe o saco e tirou o rádio do bolso. Quando Hugh ofereceu uma minhoca a *Peck*, o cão olhou de soslaio para Fiona.

«Posso? Posso?»

— Está bem... e agradece.

Peck tirou delicadamente a guloseima da mão do menino, engoliu-a e agradeceu com uma lambidela que fez as delícias de Hugh.

Com o som do riso do menino a acalantar-lhe o coração, Fiona contactou a base.

— Encontrámo-lo. Está são e salvo. Diz à mãe que ele está a comer as suas minhocas de goma e que vamos já para casa. — Piscou o olho a Hugh, que alimentava o coelho de peluche molhado e imundo antes de enfiar as guloseimas na própria boca. — Ele tem uns pequenos cortes e arranhões, está molhado, mas está alerta. Escuto.

— Entendido. Bom trabalho, Fee. Precisas de ajuda? Escuto.

— Não é preciso. Vamos para aí. Vou-te mantendo informado. Terminado. — Estendeu o seu cantil a Hugh. — É melhor beberes para ajudar a empurrar esses doces todos.

— O que é?

— É só água.

— Gosto de sumo.

— Então vamos tratar disso assim que chegarmos a casa. Bebe um bocadinho, OK?

O menino fez o que lhe era pedido e fungou. — Eu fiz xixi fora, como o papá me mostrou. Não fiz nas calças.

Ela sorriu-lhe e pensou nos fortes latidos de *Peck*. — Portaste-te bem. E que tal uma boleia às cavalitas?

Tal como havia acontecido quando ele vira os doces, os olhos de Hugh iluminaram-se. — OK.

Fiona prendeu firmemente a manta em torno dele e virou-se para que Hugh pudesse trepar para as suas costas. — Podes tratar-me por Fee. Se precisares de alguma coisa, dizes «Fee, preciso ou quero».

— Cãozinho.

— Ele também vem. É ele que nos vai mostrar o caminho. — Ainda agachada, Fiona fez umas festas a *Peck* e abraçou-o com força. — Bom menino, *Peck*. Bom menino. Regressar!

Com a mochila pendurada num dos ombros e o menino às costas, os três deram início à jornada de regresso pela floresta.

— Foste tu que abriste a porta, Hugh?

— Mau menino — murmurou ele.

Sim, pensou ela, *mas quem não se portava mal de vez em quando?* — O que viste pela janela?

— Coelhos. O *Wubby* disse: vamos ver os coelhos.

— Pois... — *Miúdo esperto*, pensou ela. *A pôr as culpas no coelho.*

Hugh começou então a tagarelar tão rápida e atabalhoadamente que

Fiona não conseguia perceber a maioria das palavras. Mas percebeu o essencial.

A mãe e o pai estavam a dormir e ele tinha visto coelhos pela janela, que outra coisa podia ele ter feito? Depois, se estava a entendê-lo bem, ele tinha deixado de ver a casa e não conseguira encontrá-la. A mamã não respondera aos seus chamados e ele ia ficar de castigo no quarto. Ele detestava ficar de castigo. Fiona percebeu isso, porque o simples verbalizar da palavra «castigo» fez com que o menino encostasse o rosto às suas costas e começasse a chorar.

— Bem, se ficares de castigo, acho que o *Wubby* também tem de ficar. Olha, Hugh, olha! É o Bambi com a sua mamã!

Ainda fungoso, o menino levantou a cabeça. As lágrimas foram esquecidas e ele guinchou de alegria ao ver o veado com a sua cria. Depois suspirou e pousou a cabeça a cabeça no ombro de Fiona. — Estou a ficar com fome.

— Calculo que sim. Viveste uma grande aventura. — Fiona conseguiu tirar uma barrinha energética da mochila.

O caminho de volta foi menos demorado do que a busca, mas, quando começaram a aproximar-se da orla da floresta, o menino já lhe parecia pesar uma tonelada.

Com novo ânimo, descansado e fascinado com tudo, Hugh falava sem parar. Divertida, Fiona deixou-o tagarelar enquanto sonhava com um balde de café, um hambúrguer gigante e um pacotão de batatas fritas.

Quando vislumbrou a casa por entre as árvores, desenterrou novas forças e acelerou a passada. Assim que saíram do arvoredo, Rosie e Devin correram disparados de casa.

Fiona agachou-se. — Podes descer, Hugh. Corre para a mamã. — Manteve-se acocorada e pousou um braço sobre *Peck*, que sacudia o corpo todo de satisfação. — Pois — murmurou-lhe ela, enquanto Devin se adiantava um pouco em relação à mulher e pegava em Hugh ao colo. Então enlaçaram-se os três num emaranhado de braços e de lágrimas. — Pois, foi um bom dia. És um espetáculo, *Peck*.

Com o filho seguro nos braços, Rosie correu em direção à casa. Devin afastou-se e encaminhou-se vacilantemente para junto de Fiona.

— Obrigado. Não sei como...

— Não tem de agradecer. Ele é um miúdo fantástico.

— Ele é... tudo para nós. Muito obrigado. — De olhos repletos de

lágrimas, Devin abraçou-se a Fiona e, tal como Hugh havia feito, encostou a cabeça no seu ombro. — Não sei o que dizer.

— Não tem de dizer nada — disse Fiona, de olhos lacrimejantes, enquanto lhe dava umas palmadinhas nas costas. — Foi o *Peck* que o encontrou. Foi ele. E ficaria muito satisfeito se o cumprimentasse.

— Oh. — Devin esfregou o rosto e inspirou profundamente para se acalmar. — Obrigado, *Peck*. Obrigado. — Agachou-se e estendeu a mão.

Peck esboçou o seu sorriso canino e colocou a pata na mão de Devin.

— Posso... posso abraçá-lo?

— Ele ia adorar.

Soltando um profundo suspiro, Devin abraçou-se ao pescoço de *Peck* e encostou o rosto ao pelo do cão. Por cima do ombro do homem, *Peck* olhou ansiosamente para Fiona.

«Não foi divertido?», parecia ele dizer. «Podemos repetir?»

D O I S

Depois de ter colocado a sua equipa ao corrente da situação, Fiona pôs-se a caminho de casa, com *Peck* esparramado na parte de trás do automóvel, para um breve sono recuperador de energias. Era bem merecido, pensou ela, tal como ela havia feito por merecer o hambúrguer que ia preparar e devorar enquanto transcrevesse o relatório para o computador.

Precisava de telefonar a Sylvia, dizer à madrastra que haviam encontrado o menino e que afinal ela não teria de a substituir nas aulas da tarde.

Claro que, agora que o trabalho estava concluído, é que a chuva havia decidido dar uma trégua, pensou Fiona. Já eram visíveis algumas abertas azuis no meio do cinzento.

Café quente, decidiu, duche quente, almoço e papelada, e, com alguma sorte, teria tempo seco durante as aulas da tarde.

Quando saía do parque, vislumbrou um arco-íris por entre as gotas de chuva. Um bom sinal, decidiu; quem sabe, até, um presságio do que vinha por aí. Alguns anos antes, a sua vida havia sido como a chuva: monótona, cinzenta e sombria. A ilha havia sido a sua aberta no meio das nuvens, e a decisão de se instalar ali havia-lhe dado a hipótese de ver alguns arco-íris.

— Agora tenho o que preciso — murmurou ela. — E se vier mais... bem, logo veremos.

Saiu da estrada sinuosa para entrar no acidentado caminho de acesso a sua casa. Reconhecendo a alteração nos movimentos do veículo, *Peck* resfolegou e sentou-se com algum esforço. Começou a bater com a cauda de encontro ao assento enquanto atravessavam aos solavancos a ponte estreita que passava por cima do pequeno regato gorgolejante. Quando a casa surgiu no seu campo de visão, o cão começou a abanar mais rapidamente a cauda e emitiu um forte latido de felicidade.

A pequena casinha, revestida a madeira de cedro e repleta de janelas, destacava-se no seu bonito pedaço de floresta e campo. O quintal estendia-se pela encosta e envolvia aquilo que Fiona denominava como as «zonas de treino». Os escorregas, balancés, escadas e plataformas, túneis e caminhos delimitados por bancos de madeira, baloiços com pneus e rampas causavam, à maioria das pessoas, a impressão de tratar-se de um parque infantil.

Não andava muito longe disso, pensou Fiona. Só que as crianças tinham quatro patas.

As outras duas das suas três crianças estavam no alpendre dianteiro, de caudas oscilantes e pés dançantes. Na opinião de Fiona, uma das melhores coisas dos cães era a alegria absoluta com que recebiam o dono, quer este tivesse estado ausente de casa por cinco minutos ou cinco dias. Era um amor incondicional e sem limites.

Fiona estacionou o automóvel, que foi imediatamente rodeado por alegria canina, enquanto, no seu interior, *Peck* se meneava, ansioso pela reunião com os seus melhores amigos.

Fiona saiu ao encontro de focinhos carinhosos e caudas agitadas. — Olá, meninos. — Afagando pelo, inclinou-se para abrir a porta traseira. *Peck* saltou para que pudesse ter início o festival do amor.

Os cães cheiraram-se, soltaram grunhidos de felicidade, esfregaram-se e desataram a correr uns atrás dos outros. Enquanto Fiona tirava a mochila do automóvel, os três cães afastaram-se a toda a velocidade, aos círculos e zigzagues, antes de regressarem, também a toda a velocidade, para junto dela.

Sempre prontos para a brincadeira, pensou ela quando os três pares de olhos a fitaram com expressões esperançosas.

— Já vai — prometeu ela. — Preciso de um duche, de roupa seca e de comida. Vamos entrar. O que me dizem, querem entrar?

Em resposta, os três saíram disparados em direção à porta.

Newman, um labrador amarelo, o mais velho dos três, com 6 anos, e o

mais imponente, liderava a matilha. Mas pelo caminho *Bogart*, o labrador preto, e o mais novo, com 3 anos, teve de parar para ir buscar a sua corda.

Certamente alguém havia de querer jogar com ele.

Entraram os três atrás dela, com as patas a tamborilarem no soalho de tábuas largas. Tinha tempo, pensou, olhando de relance para o seu relógio. Mas não muito.

Deixou a mochila no alpendre, pois tinha de repor a manta térmica antes de a guardar. Enquanto os cães se rebojavam no chão, Fiona avivou o fogo que havia apagado antes de sair e adicionou mais um toro. Despiu o casaco molhado enquanto observava o acender das chamas.

Cães estendidos no chão e fogo na lareira tornavam o espaço aconchegante, pensou. Sentiu-se tentada a enrolar-se simplesmente no pequeno sofá de dois lugares para uma sesta reparadora.

Não havia tempo para tal, lembrou a si mesma, e ponderou o que mais desejava naquele momento: se a roupa seca, se a comida. Após algum debate interno, optou por uma atitude adulta e trocar primeiro de roupa. Assim que se virou para as escadas, os três cães começaram a ladrar. Segundos depois, ouviu-se o ruído de um veículo sobre a ponte.

— Quem será?

Aproximou-se da janela, logo seguida da sua matilha.

A carrinha azul não lhe era familiar, e numa ilha do tamanho da de Orcas não havia muitos desconhecidos. Ocorreu-lhe primeiro que seria um turista perdido, a precisar de indicações.

Resignada, saiu de casa e fez sinal para que os cães aguardassem no alpendre.

Viu o homem sair do veículo. Alto, farta cabeleira escura, botas esfoladas, calças de ganga desbotadas a cobrirem umas pernas compridas. Bom rosto, decidiu ela; com traços e ângulos marcados, esfumados pela sombra de uma barba curta que indicava que ele havia estado demasiado ocupado, ou com preguiça, para se barbear naquela manhã. O bom rosto apresentava uma expressão de frustração, ou de irritação — provavelmente um misto de ambas, — quando ele passou uma mão pela farta cabeleira.

Mãos grandes na extremidade de uns longos braços, reparou ela.

Tal como as botas, o casaco de cabedal que ele usava já tinha alguns anos de uso. Mas a *pick-up* parecia nova.

— Precisa de ajuda? — gritou ela, e ele desviou o olhar franzido que dirigia para a zona de treino e virou-se para ela.

— Fiona Bristow? — A voz denotava uma ponta de impaciência. Não propriamente raiva, mas a irritação que era visível na sua expressão facial. Atrás dela, *Bogart* soltou um pequeno ganido.

— Está tudo bem.

— A treinadora de cães?

— Sim. — Quando ele começou a aproximar-se, Fiona desceu do alpendre e viu-o dirigir o olhar para os seus três protetores. — Em que posso ajudá-lo?

— Treinou esses três?

— Sim.

Os olhos dele, castanhos como um chá quente e forte, viraram-se novamente para ela. — Então, está contratada.

— Iupi. Para quê?

O homem apontou para os cães dela. — Treinar um cão. Diga o seu preço.

— OK. Podemos começar por um milhão de dólares.

— Aceita pagamento em prestações?

Ela sorriu. — Podemos negociar. Mas vamos começar pelo princípio. Chamo-me Fiona Bristow — disse ela, estendendo a mão.

— Desculpe. Simon Doyle.

Mãos trabalhadoras, pensou ela, quando a dele, áspera e calejada, apertou a sua. Então, fez-se luz. — Claro, o artesão que faz trabalhos em madeira!

— Maioritariamente, construo peças de mobiliário.

— Peças muito bonitas. Comprei uma das suas tigelas há umas semanas. Não consigo resistir a uma bonita tigela. A minha madrastra vende peças suas na loja dela, a *Island Arts*.

— Sim, a *Sylvia*. Ela é espetacular. — Simon não deu importância ao elogio, nem à conversa de circunstância. Era um homem numa missão. — Foi ela que me disse para vir falar consigo. E quanto do milhão vai querer de entrada?

— Onde está o cão?

— Na carrinha.

Fiona inclinou a cabeça para olhar para trás dele e viu o cachorro através da janela. Parecia-lhe ser um labrador *retriever*... muito atarefado naquele momento.

— O seu cão está a comer a carrinha.

— O quê?! — Simon virou-se para trás. — Merda!

Quando ele saiu disparado, Fiona fez sinal para que os seus cães,

novamente alerta, ficassem quietos e seguiu-o descontraidamente. A melhor maneira de conseguir avaliar o homem, o cão e a dinâmica entre os dois era observando como ele lidava com a situação.

— Por amor de Deus! — Simon abriu abruptamente a porta. — Raios! O que há de errado contigo?

Nitidamente sem medo, nem sinal de arrependimento, o cachorro saltou para os braços do homem e lambuzou-lhe o rosto com beijos ávidos.

— Para com isso! Para! — Afastou o cachorro da cara, e este continuou a contorcer-se, a abanar a cauda e a soltar latidos de alegria. — Acabei de comprar esta carrinha. Ele comeu o apoio para a cabeça. Como é que ele foi capaz de comer o apoio para a cabeça em menos de cinco minutos?!

— Um cachorro fica aborrecido em dez segundos. Os cachorros aborrecidos roem coisas. Os cachorros felizes roem coisas. Os cachorros tristes roem coisas.

— A quem o diz — disse Simon com azedume na voz. — Comprei-lhe uma montanha de coisas para roer, mas ele prefere sapatos, mobília, pedras e tudo o mais... incluindo a minha carrinha nova. Tome. — Enfiou o cachorro nas mãos de Fiona. — Faça alguma coisa.

Ela embalou o cachorro nos braços e este lambeu-lhe imediatamente o rosto como se fossem apaixonados que há muito não se viam. Fiona sentiu um leve cheiro a cabedal no hálito quente do cachorro.

— Que coisinha mais querida que tu és! Que lindo menino!

— Ele é um monstro — disse Simon com rispidez. — Um mestre em fugas que nunca dorme. Se eu desvio os olhos por dois minutos, ele come alguma coisa, ou parte alguma coisa, ou resolve aliviar-se no sítio mais impróprio. Há três semanas que não tenho um minuto de sossego.

— Hum... — Fiona afagou o cachorro. — Como se chama ele?

Simon olhou para o cão de um modo não muito carinhoso. — *Jaws*¹.

— Muito apropriado. Bem, vamos ver de que fibra é ele feito. — Fiona agachou-se com o cachorro e deu sinal de soltura aos cães. Quando eles se aproximaram, pousou o cachorro no chão.

Alguns cachorros acobardavam-se, escondiam-se ou fugiam. Mas outros, como *Jaws*, eram rijos. Saltou em direção aos cães, soltando latidos agudos e sacudindo-se. Cheirou-os, tal como eles lhe fizeram, e começou a tremer de regozijo, enquanto mordiscava pernas e caudas.

¹ *Jaws* significa, em inglês, «mandíbulas». Neste caso, também se pode referir ao filme *Jaws* (*Tubarão*, em português).

— É um soldadinho valente — murmurou Fiona.

— Ele não tem medo de nada. Faça-o sentir medo.

Ela suspirou e abanou a cabeça. — Porque é que tem o cachorro?

— Porque a minha mãe mo ofereceu. Agora não sei o que lhe fazer. Eu gosto de cães, OK? Sou capaz de o trocar já por um dos seus. Você escolhe.

Fiona examinou o rosto de ângulos marcados, com barba por fazer. — Não tem dormido grande coisa, pois não?

— A única maneira que tenho de conseguir dormir uma hora seguida é pondo-o comigo na cama. Ele já esfrangalhou as almofadas todas que eu tinha. E já começou a roer o colchão.

— Devia tentar habituá-lo a dormir num engradado.

— Eu comprei um engradado. Ele comeu-o. Ou, pelo menos, o suficiente para conseguir fugir. Acho que ele tem a capacidade de se achar como uma serpente. Não consigo fazer nada com ele. Já pensei que ele pode ter algum problema a nível cerebral, ou então é simplesmente psicótico.

— O que se passa é que ele é um bebé que precisa de muito tempo para brincar, de muito amor, muita paciência e disciplina — corrigiu ela, enquanto *Jaws* se montava alegremente na perna de *Newman*.

— Porque faz ele aquilo? Ele monta qualquer coisa. Se é um bebé, porque pensa em ter relações com qualquer coisa?

— É o instinto... e uma tentativa de mostrar dominância. Ele quer ser o líder. *Bogart!* Traz a corda!

— Credo, eu não quero enforcá-lo... não exatamente — disse Simon quando o labrador preto saiu disparado em direção ao alpendre e entrou em casa.

O cão saiu com a corda na boca em direção a Fiona e largou-a aos pés dela. Quando ela a agarrou, ele baixou as patas dianteiras, espetou o traseiro e começou a menear-se.

Fiona abanou a corda. *Bogart* deu um salto, prendeu-a entre os dentes e começou a rosnar e a puxar num animado jogo da corda.

Jaws largou *Newman*, deu um salto para a corda, não conseguiu agarrá-la e caiu de costas. Rolou e saltou outra vez, de boca aberta e cauda a abanar desenfreadamente.

— Queres a corda, *Jaws*? Queres a corda? Joga! — Baixou-a para que o cachorro pudesse alcançá-la e, quando ele conseguiu fincar-lhe os pequenos dentes, ela largou-a.

O puxão de *Bogart* fez levantar o cachorro do chão, mas ele manteve-se firmemente preso, contorcendo-se como um peixe felpudo na ponta de uma linha de pesca.

É *perseverante*, refletiu Fiona, e ficou satisfeita quando *Bogart* se baixou para pousar o cachorro no chão e ajustou a força tendo em conta o cão mais pequeno.

— *Peck, Newman*, trazer as bolas. Trazer as bolas! — Tal como o seu amigo, *Peck* e *Newman* saíram disparados. Regressaram pouco depois com bolas de ténis amarelas e largaram-nas aos pés de Fiona. — *Newman, Peck!* Corrida! — Lançou as bolas numa sucessão rápida e os dois cães correram em perseguição.

— Bom braço. — Simon viu os cães abocanharem as bolas e regressarem a correr.

Desta vez, Fiona emitiu o som de um beijo, o que fez *Jaws* virar a cabeça, apesar de continuar a puxar a corda. Atirou algumas vezes as bolas ao ar, estudando a direção do olhar do cachorro. — Corrida! — repetiu ela.

Quando os cães grandes saíram disparados, o cachorro correu atrás deles.

— Ele tem um forte instinto para a brincadeira, e isso é bom. Só é preciso canalizá-lo. Ele foi ao veterinário? Já foi vacinado?

— Está tudo em ordem. Diga-me que o aceita. Pago quarto e pensão completa.

— Isto não funciona assim. — Enquanto falava, Fiona pegou nas bolas devolvidas e tornou a lançá-las. — Para o aceitar a ele, tenho de o aceitar a si. Vocês agora são uma unidade. Se não estiver disposto a assumir o compromisso, a envolver-se no treino dele, a cuidar da sua saúde e bem-estar, eu ajudo-o a encontrar um lar para ele.

— Não sou pessoa de desistir. — Simon enfiou as mãos nos bolsos quando Fiona voltou a lançar as bolas. — Além disso, a minha mãe ia... Não quero entrar por aí. Desde que me mudei para cá, ela enfiou na cabeça que eu tenho de ter companhia. Ou uma mulher, ou um cão. Ela não me pode dar uma mulher, por isso...

Simon franziu o sobrolho quando o grande labrador amarelo deixou o cachorro apanhar a bola. *Jaws* devolveu-a com ar vitorioso.

— Ele foi buscar a bola.

— Pois foi. Peça-lha.

— O quê?

— Diga-lhe para lhe dar a bola. Agache-se, estenda a mão e diga-lhe para lhe dar a bola.

Simon agachou-se e estendeu a mão. — *Dá-me...* — *Jaws* saltou-lhe para o colo, quase o desequilibrando para trás, e esfregou-lhe a bola na cara.

— Diga-lhe «chão» — instruiu Fiona, e teve de morder o interior da bochecha para não rir, já que, a avaliar pela expressão de Simon Doyle, ele não via obviamente qualquer graça na situação. — Sente-o no chão. Segure-o, delicadamente, e tire-lhe a bola da boca. Quando tiver a bola, diga «Bom menino» e repita com entusiasmo. Sorria.

Simon assim fez, embora fosse mais fácil dizer do que fazer, com um cão capaz de se contorcer como uma minhoca molhada.

— Pronto, ele conseguiu ir buscar e entregar. É preciso usar bocadinhos de comida, muitos elogios e repetir inúmeras vezes os mesmos comandos. Ele acabará por aprender.

— Os truques são fantásticos, mas eu estou mais interessado em ensiná-lo a não me destruir a casa. — Olhou furioso para o apoio de cabeça retalhado. — Nem a minha carrinha.

— Seguir qualquer tipo de comando é uma questão de disciplina. Ele vai aprender a fazer tudo o que lhe pedir, se o ensinar com brincadeira. Ele quer brincar... quer brincar consigo. Recompense-o com brincadeira, com comida, com elogios e afeto, e ele aprenderá a respeitar as regras da casa. Ele quer agradar-lhe — acrescentou Fiona quando o cachorro rolou no chão para mostrar a barriga. — Ele adora-o.

— Então ele é muito fácil de agradar, porque tivemos uma curta e instável relação.

— Quem é o vosso veterinário?

— A Funaki.

— A Mai é a melhor. Quero cópias dos relatórios médicos dela para o meu arquivo.

— Eu trago-os.

— É melhor comprar algumas guloseimas pequenas para cão, do tipo que ele consiga simplesmente deglutir, em vez daquelas que ele precisa de parar para mastigar. Gratificação imediata. Também vai precisar de um cabresto e de trela, para além da coleira normal.

— Eu tinha uma trela. Ele...

— Comeu-a — concluiu Fiona. — É bastante comum.

— Fantástico. Cabresto? Como um açaimé?

A expressão de Simon era bastante clara para Fiona, que não ficou surpreendida ao vê-lo ponderar a ideia de usar um açaimé. E ficou bastante agradada quando percebeu que ele rejeitava essa mesma hipótese com um franzir de sobrolho.

— Não. É como um cabresto para cavalos, e é suave e eficaz. Vai usá-la durante as sessões de treino aqui e em casa. Em vez de exercer pressão no pescoço, exerce-a suavemente em pontos relaxantes. Ajuda a convencer o cão a andar, em vez de correr ou puxar. Ele terá mais controlo e vocês conseguirão uma maior sintonia.

— Ótimo. Faça o que for preciso.

— Aconselho-o a substituir, ou a reparar, o engradado e a abastecê-lo de muitos brinquedos de roer e ossos de couro. A corda nunca falha, mas é melhor ter também bolas de ténis, ossos de couro, esse tipo de coisas. Vou dar-lhe uma lista de recomendações e requisitos básicos para o treino. Tenho uma aula daqui a... — Olhou para o relógio. — Droga. Trinta minutos. Não liguei à Syl. — Quando *Jaws* começou a saltar e a tentar trepar-lhe pela perna, ela dobrou-se simplesmente e obrigou-o a sentar-se. — Senta! — Como não tinha nenhuma recompensa, agachou-se para o manter quieto enquanto o acariciava e elogiava. — Se tiver tempo, podem ficar. Eu inscrevo-vos na aula.

— Não tenho aqui um milhão de dólares.

Fiona soltou o cachorro e pegou-lhe ao colo para o embalar. — Tem trinta?

— Provavelmente.

— Trinta dólares por uma aula de grupo de trinta minutos. Ele tem... uns três meses?

— Por aí.

— Vai correr bem. É um curso de oito semanas. Vocês já têm duas de atraso. Vou encaixar na agenda duas sessões individuais para ele ficar a par dos restantes. Está de acordo?

Simon encolheu os ombros. — É mais barato do que uma *pick-up* nova.

— Consideravelmente mais barato. Por agora, empresto-lhe uma trela e um cabresto. — Ainda de cachorro ao colo, Fiona começou a dirigir-se para casa.

— E se eu lhe pagasse cinquenta e você trabalhasse sozinha com ele?

Fiona olhou-o de soslaio. — Não é assim que eu trabalho. Ele não é o único a precisar de treino. — Conduziu-o até casa antes de lhe

entregar o cachorro. — Venha até às traseiras. Tenho algumas coleiras e trelas extra e precisa também de algumas guloseimas. Tenho de fazer um telefonema.

Atravessou a cozinha em direção a uma pequena arrecadação onde tinha coleiras, trelas e escovas ordenadamente penduradas de acordo com tipo e tamanho, bem como diversos brinquedos e guloseimas organizados em prateleiras.

Na opinião de Simon, quase parecia uma pequena loja de artigos para animais.

Fiona olhou para *Jaws*, que se contorcia nos braços de Simon e tentava morder a mão do dono.

— Faça assim. — Virou-se para o cachorro e, usando o dedo indicador e o polegar, fechou-lhe suavemente a boca. — Não! — E, fitando o cão nos olhos, levou a mão atrás das costas e pegou num brinquedo de couro para roer em forma de osso. — É para ti. — Quando ele o abocanhou, ela anuiu com a cabeça. — Bom menino! Pouse-o no chão. Quando ele lhe morder, ou morder alguma coisa que não devesse, faça o que eu fiz. Corrija-o, dê-lhe um comando vocal e substitua o objeto por algo que ele possa morder. Reforço positivo. Faça-o consistentemente. Procure uma trela e uma coleira para ele.

Fiona saiu para a cozinha, agarrou no telefone e marcou o número da madrastra. — Droga — resmungou ela quando foi atendida pelo correio de voz. — Syl, espero que não estejas já a caminho. Distraí-me e esqueci-me de te ligar. Estou em casa. Encontrámos o menino. Ele está bem. Decidiu ir atrás de um coelho e perdeu-se, mas não passou de um enorme susto. Bem, se já estiveres a caminho, encontramos-nos aqui. Se não, obrigada pela disponibilidade e eu ligo-te mais logo. Adeus.

Desligou o telefone e virou-se, vendo Simon à porta, de trela numa mão e um pequeno cabresto na outra. — Estas?

— Parecem-me bem.

— Que menino?

— Hum. Oh, o Hugh Cauldwell. Ele e os pais vieram passar uns dias de férias no parque natural. Hoje de manhã, ele resolveu sair de casa e embrenhar-se na floresta enquanto os pais dormiam. Não ouviu falar?

— Não. Porquê, devia?

— Estamos na ilha de Orcas. Bem, seja como for, ele está bem. São e salvo em casa.

— Você trabalha para o parque?

— Não. Sou voluntária na Associação Cinotécnica de Busca e Salvamento.

Simon apontou para os três cães, naquele momento esparramados como cadáveres no chão da cozinha. — Aqueles?

— Exatamente. Treinados e certificados. Sabe, o *Jaws* pode ser um bom candidato para o treino de busca e salvamento.

Simon soltou um riso de desdém. — Certo.

— Adora brincar, é curioso, corajoso, afável e fisicamente saudável. — Fiona ergueu as sobrancelhas quando o cachorro largou o brinquedo novo para atacar os cordões das botas de Simon. — Enérgico. Já esqueceu o seu treino, humano?

— Eh?

— Corrigir, substituir e elogiar.

— Oh. — Simon agachou-se e repetiu a sequência que Fiona havia demonstrado. *Jaws* abocanhou o brinquedo, mas logo o soltou para atacar novamente os cordões das botas.

— Não pare. Tenho de ir preparar umas coisas. — Fiona dirigiu-se para a porta e parou. — Sabe trabalhar com a máquina de café?

Ele olhou para a máquina que estava em cima do balcão. — Posso descobrir.

— Faça isso, está bem? Expresso, uma colher de açúcar. Estou com falta de energia.

Quando ela virou costas, Simon franziu o sobrolho.

Apesar de apenas estar na ilha há poucos meses, duvidava que algum dia conseguisse habituar-se ao costume da porta aberta e da total descontração. Os locais acolhiam em sua casa um estranho qualquer e, ainda por cima, pediam-lhe que, já agora, lhes preparasse um café enquanto o deixavam completamente sozinho.

Ela fiava-se na palavra dele quanto à sua identidade e, além disso, ninguém sabia que ele ali estava. E se ele fosse um psicopata? Um violador? OK, três cães, refletiu Simon, olhando de novo para eles. Mas, até então, haviam sido bastante amistosos e tão descontraídos como a dona.

E, naquele momento, estavam a ressonar.

Perguntou-se como conseguiria ela viver com três cães, quando ele mal conseguia tolerar um. Baixou os olhos e viu que o cachorro tinha parado de mastigar os atacadores porque havia adormecido em cima da bota, com os cordões ainda presos entre os dentes.

Com a mesma suavidade e cuidado que teria se quisesse afastar-se

de um javali, Simon recuou lentamente o pé, sustentando a respiração até o cachorro deslizar suavemente para o chão da cozinha.

Estava a dormir profundamente.

Um dia, pensou enquanto se dirigia para a máquina de café, encontraria forma de se vingar da mãe. Um dia.

Observou atentamente a máquina, verificou a quantidade de grãos de café e de água no depósito. Quando a ligou, o ruído do moedor fez o cachorro acordar com uma saraivada de latidos ferozes. Do outro lado da cozinha, os cães espetaram as orelhas. Um deles bocejou.

O movimento fez *Jaws* pular alegremente antes de se lançar à matilha como um canhão.

Enquanto os cães reboavam, se mordiam e cheiravam, Simon perguntou-se se poderia pedir um deles emprestado. Talvez pudesse alugar um como *babysitter*.

Como os armários da louça tinham portas envidraçadas, ele não teve dificuldade em encontrar um par de canecas azul-cobalto. Teve de abrir um par de gavetas para encontrar os talheres, mas isso deu-lhe a oportunidade de se maravilhar. Todas as gavetas estavam arrumadas e organizadas.

Como é que ela fazia aquilo? Ele estava na atual casa havia apenas alguns meses e as gavetas da sua cozinha pareciam a feira da ladra. Ninguém devia ser assim tão organizado. Não era natural.

Não obstante, Fiona era uma mulher muito interessante, decidiu ele enquanto coscuvilhava um pouco. O cabelo não era propriamente ruivo, nem propriamente louro; os olhos eram de um azul límpido e absoluto. O nariz tinha a ponta levemente espetada para cima e exibia algumas sardas. Uma ligeira sobremordida fazia o lábio inferior parecer especialmente carnudo.

PESCOÇO longo, pensou ele enquanto vertia o café, *esguio e sem sinal de rugas*.

Não era uma mulher bela. Não era bonita, nem gira; mas... interessante. E, das poucas vezes que havia sorrido... havia sido quase fascinante. Quase.

Tirou uma colher de açúcar de uma pequena tigela branca para dentro de uma das canecas e pegou na outra.

Bebeu o primeiro gole enquanto contemplava a vista da janela sobre a pia, e virou-se quando ouviu os passos dela. Ela deslocava-se rapidamente, com a eficiência própria de um atleta. *Vigorosa, apesar de esguia*, pensou ele.

Viu-a baixar o olhar, seguiu-o e viu *Jaws* mover-se num círculo e agachar-se.

Simon abriu a boca e, antes de conseguir gritar «Eh!», a sua reação habitual, Fiona atirou a pasta que trazia para cima do balcão da cozinha e bateu energicamente palmas, duas vezes.

O som assustou *Jaws*, que de imediato se levantou.

Ela deslocou-se rapidamente, agarrou no cachorro com uma mão e na trela com a outra. — Bom menino, *Jaws*. Vamos lá para fora. É hora de ir lá fora. Despensa, segunda prateleira, recipiente com pequenas guloseimas, tire uma mão-cheia — ordenou ela a Simon, e prendeu a trela à coleira enquanto saía pela porta das traseiras.

Os três cães saíram disparados atrás dela, numa confusão de pelo e patas.

Simon encontrou a minúscula despensa, tão assustadoramente organizada como as gavetas, e tirou uma mão-cheia de pequenos biscoitos para cão de dentro de um grande frasco de vidro. Segurando as duas canecas com uma mão, saiu de casa.

Fiona ainda tinha o cão ao colo e, com as suas longas pernas, percorreu rapidamente a curta distância até à orla de árvores que delimitava a parte de trás da sua propriedade. Quando pousou *Jaws*, Simon já a tinha alcançado.

— Para. — Ela impediu o cachorro de atacar a trela e fez-lhe festas na cabeça. — Olha para os grandes, *Jaws*! O que estão a fazer os cães grandes? — Virou-o e deu uns passos.

Claro está que o cachorro estava mais interessado nos cães, que cheiravam, levantavam as patas e voltavam a cheirar, do que na trela. Lançou-se atrás deles.

— Vou dar-lhe um pouco de folga. Obrigada. — Fiona pegou no café, bebeu sofregamente e suspirou. — Graças a Deus. Bem, vai ter de escolher um sítio para ele fazer as suas necessidades. Decerto não quer «minas» espalhadas por toda a propriedade. Por isso, leve-o insistentemente ao local onde quer que ele vá. Depois ele começará a ir por si mesmo. É você que tem de ser vigilante e consistente. Ele não passa de um bebé, e isso significa que vai ter de levá-lo à rua várias vezes por dia. Assim que ele acorda de manhã e antes de se deitar à noite, e sempre que ele comer.

Simon começou a imaginar a sua vida como uma enorme porta giratória movendo-se ao ritmo dos caprichos das necessidades fisiológicas do cão.

— E quando ele fizer o que é suposto, — continuou Fiona, — mostre

entusiasmo. Reforço positivo... em abundância. Ele quer agradar ao dono. Quer ser elogiado e recompensado. Veja, os grandes vão e ele não quer ficar atrás.

Simon abanou a cabeça. — Quando o levo à rua, ele passa uma hora a cheirar, a rebolar e a fazer asneiras. Assim que chegamos a casa, resolve aliviar-se.

— Mostre-lhe. Você é homem. Saque-o para fora e faça o serviço.

— Agora?

Ela riu-se... e, sim, pensou ele, era quase fascinante. — Não, mas na privacidade da sua casa. Tome. — Passou-lhe a trela. — Agache-se ao nível dele e chame-o. Num tom alegre! Use o nome dele e, quando ele vier, dê-lhe uma das recompensas.

Simon sentia-se um idiota por ter de se mostrar feliz por o cão evacuar no meio do arvoredo, mas, pensando nos inúmeros montes de caca que havia limpado do chão de casa, seguiu as instruções.

— Muito bem. Tentemos agora um comando básico antes dos restantes chegarem. *Jaws*. — Segurou-o para captar a sua atenção e acariciou-o até ele se acalmar. Pegou numa das guloseimas que Simon tinha na mão, fechou-a na mão esquerda e levantou a direita acima da cabeça do cachorro, com o dedo indicador esticado. — *Jaws*, senta! Senta! — Enquanto falava, Fiona movia o dedo acima da cabeça do cão, fazendo-o levantar os olhos para tentar segui-lo. E o cão apoiou o rabo no chão. — Bom menino! Muito bem! — Deu-lhe o biscoito, fez-lhe festas e elogiou-o. — Repita, repita. Ele irá olhar automaticamente para cima e, quando o faz, senta o rabo. Assim que ele se sentar, elogie-o e recompense-o. Assim que ele aprender a fazer isto, experimente apenas com o comando vocal. Se ele não entender, volte atrás e repita. Quando ele conseguir, elogie e recompense.

Fiona recuou.

Como o cachorro queria segui-la, Simon teve alguma dificuldade em controlá-lo.

— Obrigue-o a concentrar-se em si. É você que manda. Ele pensa que você é um papalvo.

Irritado, Simon lançou-lhe um olhar gélido. Mas, quando o cachorro se sentou, foi obrigado a admitir que se sentia um tanto orgulhoso e satisfeito.

Fiona observava-os, de pernas afastadas e braços cruzados. Estava a avaliá-lo, pensou Simon, enquanto repetia diversas vezes o procedimento.

Quando os cães se juntaram a ela e se sentaram como três esfinges, ele sentiu-se ridículo.

— Experimente sem o movimento. Aponte e use o comando vocal. Mantenha o contacto visual. Aponte e verbalize o comando.

Como se fosse funcionar, pensou Simon. Mas apontou. — Senta! — E ficou de queixo caído quando *Jaws* sentou o rabo no chão. — Ele sentou-se! Tu sentaste-te. Muito bem. Bom trabalho. — Quando *Jaws* degluti o pequeno biscoito, Simon sorriu para Fiona. — Viu?

— Vi. Ele é um cão muito esperto. — Os dela começaram a ladrar. — Está na hora de começar. Os seus companheiros de turma estão a chegar.

— Como sabe?

— Eles sabem. — Pousou uma mão na cabeça do cão que estava mais perto. — Venha cá, deixe o *Newman* cheirá-lo.

— O quê?

Fiona fez um gesto, agarrou na mão de Simon e levou-a ao nariz de *Newman*. — *Newman*, este é o Simon. Este é o Simon. Passeia com o Simon. Passeia. Preciso de ir preparar umas coisas. O *Newman* vai acompanhá-lo enquanto você treina o controlo do *Jaws* com a trela. Vá buscar o cabresto e dê uma volta com ele. O *Newman* vai dar-lhe uma ajudinha.

Quando ela e os outros cães se afastaram, *Jaws* tentou lançar-se em perseguição. *Newman* limitou-se a bloquear-lhe a passagem.

— Queres vir comigo para casa, grandalhão? Ias dar-me muito jeito. Passear, certo? Passear!

Depois de alguns sacões, e com a ajuda do grande labrador, Simon conseguiu finalmente passear *Jaws* pela trela, empurrando e arrastando o cachorro pelo relvado.

Se a atlética e quase fascinante treinadora de cães fosse realmente competente, ele podia acabar por ficar com um cão tão encantador como *Newman*.

Os milagres aconteciam... de vez em quando.

Uma hora depois, exausto, Simon esparramou-se em cima do sofá da sua sala de estar. *Jaws* tentou trepar-lhe pela perna e começou a gemer.

— Céus, tu nunca te cansas? Sinto-me como se tivesse estado na tropa. — Puxou o cão para o sofá e *Jaws* sacudiu-se, lambeu-o e aninhou-se junto a ele. — Pois, pois. Portaste-te bem. Portámo-nos bem.

Esfregou as orelhas do cachorro.

Poucos minutos depois, homem e cão dormiam profundamente.

T R Ê S

Com um dia repleto de aulas pela frente, Fiona precisava de uma boa fonte de energia pela manhã. Enquanto saboreava uma caneca de café adoçado, ponderou a quantidade de calorias de uma tigela de rodela de cereais coloridas, com sabor a fruta, *versus* uns folhados recheados com doce.

Talvez optasse por uma combinação de ambos, considerou, já que no dia anterior, por culpa do homem e do cão, não havia comido o tal hambúrguer gigante com a montanha de batatas fritas.

Homem *sexy* e cão adorável, refletiu ela, mas tinha acabado por se contentar com piza congelada no final de um longo dia, porque havia estado demasiado cansada para pensar em cozinhar alguma coisa.

Como tinha mais um dia longo à sua frente, que mal fazia um reforço extra de açúcar?

Enquanto ponderava, bebericava o café e observava os seus cães a brincarem lá fora. Não se cansava de os observar. E era uma sortuda por conseguir ganhar a vida a trabalhar com cães e a fazer algo importante, não era?

Pensou no menino, quente e a salvo, e no pai a chorar de alívio com os braços em torno de um cão muito bom. Naquele momento, esse cão muito bom pavoneava-se pelo quintal com um pau na boca, tão orgulhoso daquela descoberta — ou quase — como havia ficado com o menino.

Enquanto os observava, os três cães começaram a ladrar e correram em direção à parte da frente da casa.

Alguém havia passado por cima da pequena ponte.

Raios. O seu dia só devia começar daí a uma hora. Ela precisava do seu tempo de sossego e da sua mistura de cereais / folhados recheados, antes de começar a interagir com outros seres humanos.

Mas quando abriu a porta de casa, a sua disposição melhorou de imediato. Fiona estava sempre pronta para interagir com Sylvia.

Sylvia saiu do seu elegante híbrido. Mulher enérgica e compacta, de oscilantes caracóis castanho-escuros, usava umas botas de cano alto e tacão baixo e fino sob uma vaporosa saia a condizer com uma bonita camisola cor de ameixa, duas peças de roupa que tinham vindo, sem dúvida alguma, da sua loja. Uns enormes triângulos de prata balançaram nas suas orelhas quando ela recuou para que o seu alegre Boston *terrier*, chamado *Oreo*, pudesse saltar do automóvel.

Os cães envolveram-se de imediato numa orgia de deleitosas saudações: fungadelas, lambidelas, reboleões e corridas. Sylvia avançou graciosamente por entre eles e lançou um dos seus deslumbrantes sorrisos a Fiona.

— Bom dia, boneca! Sei que estamos uma hora adiantados, mas primeiro queria pôr os mexericos em dia. Tens tempo?

— Para ti, tenho. — Fiona agachou-se quando *Oreo* correu ao seu encontro para um breve cumprimento antes de regressar a toda a velocidade para junto dos seus amigos de brincadeiras. — Vamos para a cozinha. Podes beber um chá enquanto eu tomo o pequeno-almoço.

A saudação de Sylvia incluiu, como sempre, um abraço apertado e, ainda com o braço em torno da cintura de Fiona, dirigiram-se para dentro de casa.

— A notícia de que tu e o *Peck* encontraram o menino já se espalhou por toda a ilha. Fizeram um bom trabalho.

— O *Peck* foi perfeito. E o facto de o Hugh ter precisado de fazer xixi, duas vezes, também ajudou. Mas é impressionante a distância que um bebé de três anos, com um pijama do Homem-Aranha, é capaz de percorrer.

— Ele devia estar tão assustado...

— Na verdade, estava mais molhado, com frio e cansado. — Fiona pôs a chaleira ao lume e apontou para o armário onde guardava diversas infusões, que comprava a pensar em Sylvia. — Desculpa não te ter ligado imediatamente para te avisar.

— Não te rales com isso — disse Sylvia, com um aceno de mão,

enquanto optava por uma infusão de pêssego com canela. — De qualquer maneira, eu tinha saído para ver umas peças em cerâmica e, naturalmente, deixei o telemóvel no veículo. Tenho de parar de o fazer. — Virou-se e olhou de sobrolho franzido para Fiona, que tirava uma embalagem de cereais coloridos de outro armário. — Não vais comer essa comida processada e cheia de açúcar ao pequeno-almoço!

— Aqui diz que tem sabor a fruta... — Com um sorriso otimista, Fiona sacudiu a caixa. — Isto tem de ter aqui alguma fruta.

— Senta-te. Vou preparar-te um pequeno-almoço decente.

— Syl, isto é bom.

— Podia ser, de vez em quando, se tivesses dez anos de idade. Senta-te — repetiu ela e, como se estivesse na própria casa, abriu a porta do frigorífico de Fiona. — Hum... Posso fazer alguma coisa com isto. Vais comer uma bela omeleta de claras e uma torrada de pão integral.

— Vou?

— E fala-me lá da distração. É um regalo para os olhos, não é?

— Adorável, e com um pouco de treino será um companheiro maravilhoso.

Sylvia arqueou as sobrancelhas enquanto pegava numa tigela e num pequeno recipiente. — Estava a referir-me ao Simon.

— Provavelmente, eu também.

— Ah. Ele é muito talentoso e bem-educado, apesar de um tanto misterioso.

— Estás a referir-te a qual dos dois?

— Engraadinha. — Sylvia separou habilmente as gemas das claras e guardou as primeiras no recipiente antes de bater as claras com um pouco de queijo e ervas. — Ele tem uma bonita casa em East Sound, é metuculo-oso no seu ofício, tem uns olhos lindos, umas costas fortes, um cachorro adorável e é solteiro.

— Parece-me perfeito para ti. Não o deixes escapar, Syl.

— Não deixava, se ele não fosse duas décadas mais novo do que eu. — Sylvia verteu as claras para dentro da frigideira que havia aquecido e meteu o pão na torradeira enquanto Fiona preparava o chá. — Não deixes tu.

— E o que faço eu com ele depois? Além disso — acrescentou Fiona quando Sylvia bufou, — tal como os cães, os homens não são só para diversão. São um compromisso a longo prazo.

— Tu precisas de momentos de diversão para poderes decidir se

estás interessada no resto. Podias experimentar... oh, sei lá, algo completamente diferente e louco, como um encontro a dois!

— Eu sei o que isso é. Prefiro o convívio em grupo, mas ocasionalmente saio para um encontro. E, ocasionalmente, desfruto desses eufemísticos momentos de diversão. E, antes que continues, deixa-me dizer-te apenas duas palavrinhas: roto; nu.

— Eu casei-me com o amor da minha vida e passei dez anos maravilhosos com ele. Às vezes ainda me sinto enganada por não termos tido mais tempo.

— Eu sei. — Fiona esticou-se para passar uma mão pelas costas de Sylvia, enquanto ambas pensavam no seu pai. — Tu fizeste-o muito feliz.

— Fizemo-nos felizes um ao outro. Não consigo evitar desejar o mesmo para ti. — Deslizou a omeleta para cima da fatia de pão ligeiramente torrada que estava num prato. — Toma o pequeno-almoço.

— Sim, senhora. — Sentaram-se em frente uma da outra na minúscula mesa, e Fiona deu a primeira dentada. — Céus, isto está bom!

— E pouco mais tempo demorou do que o necessário para deitar açúcar colorido numa tigela.

— Estás a ser demasiado dura com os cereais, mas isto está bom de mais para eu discutir.

— Bem, enquanto tomas um pequeno-almoço decente, eu digo-te o que sei sobre o Simon Doyle. — Sylvia bebericou o chá, recostou-se e cruzou as pernas. — E não me venhas dizer que não estás interessada.

— OK, não digo, porque estou. Um bocadinho curiosa.

— Tem trinta e três anos e é de Spokane, embora tenha vivido os últimos anos em Seattle.

— Spokane e Seattle. Diferentes como a noite do dia.

— De facto. O pai tem uma empresa de construção em Spokane e trabalha como empreiteiro com o irmão mais velho do Simon. Ele licenciou-se em arte e arquitetura na Universidade da Califórnia do Sul e trabalhou como marceneiro antes de começar a desenhar e a construir peças de mobiliário. Conseguiu singrar em Seattle, ganhou alguns prémios. Teve um romance escaldante com a Nina Abbott...

— A cantora?

— Exatamente. Cantora *pop*, estrela *rock*... não sei bem onde é que ela se encaixa.

— É uma menina rebelde da *pop* — disse Fiona com a boca cheia de omeleta. — É um bocadinho doida.

— Pode ser, mas os dois tiveram uma relação durante alguns meses, depois de ela o ter contratado para desenhar algumas peças para a casa que tem na ilha de Bainbridge. Ela nasceu no estado de Washington e tem lá uma casa.

— Pois, eu sei. Eu leio a *People* e vejo o canal *E!* de vez em quando. Mas... oh, espera. É ele? Recordo-me de ter lido alguma coisa acerca dela e de um carpinteiro. A imprensa referia-se quase sempre a ele como um carpinteiro. Ela é *sexy* e talentosa, mas tem o tal parafuso a menos.

— Penso que algumas pessoas gostam de chocar. Seja como for, a relação acabou por ir por água abaixo. Mas suponho que isso não o tenha afetado... pelo menos no que toca ao negócio. Então, há uns três meses, ele mudou-se para cá e a Island Arts tem muito orgulho, e muita sorte, em ser a sua representante exclusiva nas San Juan.

Sylvia ergueu a chávena de chá num brinde e bebericou.

— Foste buscar isso tudo à biografia que ele te entregou para a página *web* e para as brochuras da Island Arts?

— Na verdade, a biografia que ele me entregou era bastante parca... por isso, pesquisei-o no Google.

— Sylvia.

Sem ponta de embaraço, Sylvia sacudiu os seus exuberantes caracóis. — Escuta, quando eu aceito um artista, tenho de saber de quem se trata. Entre outras razões, porque frequentemente tenho de ir ao encontro deles para ver o seu trabalho, e não seria bom enfiar-me na toca de um assassino psicopata, pois não?

— Aposto como não consegues encontrar no Google informação sobre a maioria dos assassinos psicopatas. A não ser os que já se encontram presos, ou debaixo da terra.

— Nunca se sabe. Seja como for, mais do que do trabalho dele, eu gosto dele. O que te pareceu?

— Como ele estava ligeiramente furioso por o *Jaws* ter comido o apoio de cabeça da *pick-up*...

— Ups.

— Pois, e estava nitidamente frustrado com o novo estatuto de dono de cachorro, é capaz de ser difícil avaliar. Após observação superficial, e pondo de lado os atributos físicos...

— E ele tem-nos de sobra — disse Sylvia com um malicioso oscilar de sobrancelhas.

— Sem dúvida. Eu diria que ele não está habituado a responsabilizar-se

por ninguém, além de si mesmo, e que está mais acostumado a aventuras solitárias. Parece-me uma espécie de lobo solitário... opinião que tu acabaste de reforçar com as informações desta manhã: casa isolada no estreito de uma ilha muito pequena, a mudança para longe da família, a profissão que escolheu...

— Às vezes, um lobo só é solitário porque ainda não encontrou o seu par... ou a alcateia.

— És uma romântica incurável.

— Admito — disse Sylvia. — E com muito orgulho.

— Bem, a seu favor tem o facto de o cachorro o adorar. O *Jaws* é um destemido. Atualmente, o cão é o macho alfa, o que me leva a concluir que ele tem um bom âmagô. Pode estar escondido, ainda não sei, mas está lá. Isso também está patente no facto de, apesar de se sentir frustrado e irritado com o animal, não me parecer inclinado a livrar-se dele. E quando lhe dão opções lógicas, ele aceita. Inscreveu-se com o *Jaws* nas aulas e, apesar de não me parecer feliz nem entusiasmado com a ideia, pareceu-me bastante determinado. Por isso, embora não esteja particularmente habituado a assumir responsabilidades por outrem, fá-lo quando não tem outra opção.

— Realmente, devias ter-te dedicado à psicologia. Ou a elaborar perfis psicológicos.

— Tudo o que sei, aprendi com os cães. — Fiona levantou-se para pôr o prato na máquina de lavar louça, depois virou-se e colocou-se atrás da cadeira de Sylvia para a abraçar pelo pescoço. — Obrigada pelo pequeno-almoço.

— Sempre às ordens.

— Bebe mais um chá. Vou preparar as coisas para a aula.

— Eu ajudo-te.

— Não com essas botas. O terreno está um bocado empapado da chuva de ontem. Antes de saíres, troca as tuas botas *sexy* pelas minhas *Ugg*. Estão na sapateira da entrada.

— Fee — disse Sylvia antes de sair da cozinha.

— Sim.

— Já se passaram quase oito anos.

— Eu sei.

— Ocorreu-me esta manhã. Costuma acontecer-me, quando se aproxima a data do aniversário da morte do Will. Só tive vontade de sair de casa e... de te ver. Quero dizer-te que me sinto muito feliz por estares

aqui, por poder passar por cá e preparar-te o pequeno-almoço, ou calçar as tuas *Ugg*. Fico tão feliz, Fee.

— Eu também.

— Ele ia ficar tão orgulhoso de ti... Ele estava orgulhoso de ti, mas...

— Sei que sim, e gosto de saber que ficaria orgulhoso e feliz com o que eu construí. Com o que estou a fazer. — Soltou um suspiro. — O Greg também. Penso eu. Já tanto dele se desvaneceu da minha memória... a voz, o cheiro, até o rosto. Nunca pensei que precisaria de pegar numa fotografia para recordar com nitidez o seu rosto.

— Sete anos é muito tempo. Eras tão nova, querida. Eu sei que o amavas, mas vocês eram tão novos. Na verdade, não tiveram assim tanto tempo juntos.

— Quase dois anos, e ele ensinou-me tanta coisa. O que tenho agora é graças ao que o Greg me ensinou, ao que ele me mostrou, me deu. Eu amava-o, Syl, mas já não consigo lembrar-me da sensação. Não consigo recordar como ele me fazia sentir.

— O teu pai e eu também gostávamos muito dele. Ele era um homem bom.

— O melhor.

— Fee, talvez não consigas evocar o que sentias por ele por ter chegado a hora de te interessares por outra pessoa.

— Não sei. Às vezes... bem, às vezes, acho que nunca estarei preparada para isso.

— Os sentimentos nem sempre aparecem quando estamos preparados para eles.

— Talvez não. Pode ser que eu tenha uma surpresa. Mas, por agora, já ando suficientemente ocupada. Não te esqueças das *Ugg*.

Após a aula de nível avançado, com um grupo de seis, incluindo *Oreo*, Fiona preparou-se para o grupo de iniciados em aptidões especiais. A maioria dos alunos não era da ilha e ia às aulas na expectativa de conseguir certificação para cães de busca e salvamento. Daquele largo grupo, alguns conseguiriam, outros não. Mas ela sabia que todos os cães e respetivos tratadores beneficiariam com o treino adicional e mais especializado.

Assim que os alunos chegavam, seguia-se um tempo de convívio — para canídeos e humanos. Na opinião de Fiona, não era um desperdício de tempo, mas um passo essencial. Um cão que não se relacionasse nunca

seria bem-sucedido. E os dez minutos de socialização permitiam-lhe avaliar como estavam a sair-se cães e donos com o treino em casa.

Fiona observava, de mãos enfiadas nos bolsos descaídos de um velho casaco de capuz. — OK, vamos começar. Primeiro, o básico.

Começaram pela caminhada junto ao dono, com trela e depois sem trela, com resultados variados.

— *Snitch, Waldo*, — disse ela, dirigindo-se aos cães e não aos donos, — vamos ter de praticar mais essas habilidades sem trela em casa. Estão quase lá, mas podem fazer melhor. Vamos experimentar a chamada. Tratadores, afastem-se. Quero que esperem que o vosso cão esteja distraído antes de verbalizarem o comando. Sejam firmes. Não se esqueçam da recompensa e do reforço positivo.

Fiona distraiu deliberadamente alguns dos cachorros, fazendo-lhes festas e brincando com eles. Apesar de tudo, a percentagem de sucesso era satisfatória. Mas essa percentagem baixou nitidamente quando os donos ordenaram que se deitassem após a chamada, já que a maioria dos cães só queria brincar.

Fiona agrupou os piores infratores e instruiu os restantes para que treinassem os comandos «senta» e «fica» enquanto ela trabalhava individualmente com os do grupo.

— Existem bons motivos para quererem que o vosso cão pare imediatamente. Pode haver algum perigo que ele não entenda. Além disso, essa resposta instantânea e absoluta demonstra confiança total. Quando dizem «Para!», ou qualquer outra palavra que escolham para esse comando, o vosso cão precisa de obedecer sem hesitar. Vamos trabalhar este comando em proximidade. Caminhem com o cão ao vosso lado, sem trela, e testem o comando «deita». Callie, posso usar o *Snitch* para demonstração?

Na opinião de Fiona, não era a componente canídea do binómio que precisava de trabalho, mas a humana. Callie hesitava demasiado.

Em poucos minutos, empregando um tom firme e seguro, Fiona tinha o cachorro a caminhar ao seu lado como um campeão e a obedecer ao comando «deita» com a prontidão de um soldado.

— Não sei porque é que ele não faz isso comigo.

— Ele sabe que pode fazer o que quiser consigo, Callie. Ele não acredita que está a falar a sério, que é você quem manda. Não precisa de gritar, nem de se zangar, mas tem de ser firme. Tanto na voz, como na expressão facial e na linguagem corporal. Convença-o de que não está a brincar.

— Vou tentar.

Ligeiramente melhor, pensou Fiona. Mas estava convencida de que se tratava de um resultado residual do seu trabalho com *Snitch*. Se Callie não endurecesse, o pequeno *golden retriever* faria dela gato-sapato.

— OK, vamos fazer uma pequena pausa para brincadeira.

Era o sinal por que os seus próprios cães ansiavam. Os três labradores juntaram-se aos restantes nos cinco minutos de caos: correrias, perseguição de bolas, lutas em grupo.

— Não quero que isto pareça uma queixa...

Fiona desenterrou mais uma dose de paciência, já que Earl Gainer, polícia reformado e dono de um jovem pastor-alemão bastante inteligente, começava todas as suas queixas da mesma maneira.

— Qual é o problema, Earl?

— Sei que um dos seus dogmas é explorar o instinto para a brincadeira, mas parece-me que estes cães desperdiçam demasiado tempo com brincadeiras.

E Fiona sabia que tempo também era dinheiro.

— Sei que pode parecer-lhe frívolo, mas, nestas idades, a capacidade de atenção deles é muito limitada. Corremos o risco de excedermos o tempo de treino, e, se um cão se sentir frustrado por não conseguir corresponder a todas as exigências e expectativas, pode simplesmente desistir, regredir ou rebelar-se. Eles precisam de tempo para gastar aquela energia própria dos cachorros... e de continuarem a conviver com outros cães e outros seres humanos. Hoje, na segunda meia hora de aula, vamos experimentar algumas coisas novas.

Earl animou-se de imediato. — Como por exemplo?

— Vamos dar-lhes mais uns minutos. O *Kojak* tem muito potencial. O senhor sabe disso. É inteligente, ávido por agradar. Se se mantiverem por cá mais umas semanas, a fase seguinte será o treino olfativo. Mas, antes de passarmos a isso, temos de cimentar o vínculo, a socialização e a afabilidade.

Earl encheu as bochechas de ar. — Já soube o que você e o seu cão fizeram ontem, que encontraram o menino. É isso que eu quero fazer.

— Eu sei, e, com o seu treino e experiência, será uma mais-valia para a equipa. Vamos ajudar o *Kojak* a querer fazer o mesmo. Garanto-lhe que ele está no bom caminho.

— Toda a gente me diz que você é uma das melhores do estado, quiçá do Noroeste. É por esse motivo que fazemos aquela viagem de

ferryboat duas vezes por semana. Bem, que se lixe, pelo menos ele está a divertir-se.

— E a aprender. — Fiona deu uma palmadinha no braço de Earl antes de chamar os seus cães e os mandar para o alpendre, onde eles se esparramaram a ver o espetáculo.

— Chamem os cães para o vosso lado! — gritou Fiona, e esperou que a fila se formasse. — Um cão de busca e salvamento pode ser, e é muitas vezes, chamado a atuar em terrenos diversos: acidentado, gelado, rochas, floresta, cidade. E água. Hoje vamos introduzir a água. — Apontou para uma pequena piscina insuflável que já tinha enchido com água e pegou numa bola de borracha. — Cada um de vocês irá, à vez, tirar a trela ao cão e lançar esta bola para dentro da piscina. Quero que mandem o vosso cão buscá-la. Não se preocupem. Tenho toalhas. Earl, e que tal ser o primeiro com o *Kojak*? Coloque-se a cerca de três metros da piscina.

Earl pegou na bola e posicionou-se. Libertou o cão, fez-lhe uma festa rápida e mostrou-lhe a bola. — Traz, *Kojak*! — gritou ele, lançando-a.

O cão saiu disparado como uma bala, deu um salto e mergulhou com um chape na água. Veio à superfície com a bola na boca e um olhar de espanto que, para Fiona, significava claramente: «Que diabo!»

Mas o cão voltou a saltar para fora e regressou para junto do dono quando este estalou os dedos.

Exibicionista, pensou Fiona com um amplo sorriso nos lábios, que se alargou ainda mais quando *Kojak* se sacudiu energicamente e encharcou o orgulhoso e lisonjeador dono.

— Viu? — Com água a escorrer-lhe do rosto, Earl olhou para Fiona. — Ele conseguiu logo à primeira.

— Saiu-se muito bem.

E você também, pensou ela.

Habitualmente, Fiona tentava deixar uma hora livre entre as aulas, sabendo que uma boa porção desse tempo seria ocupada por clientes que queriam conversar com ela, tirar dúvidas, saber a sua opinião sobre a aula do dia.

Com o tempo que lhe restava, ela conseguia fazer um almoço rápido, brincar com os seus cães, responder a telefonemas que poderia ter recebido durante uma aula.

Como, depois do último automóvel ter atravessado a pequena ponte, ainda lhe restavam quarenta minutos, Fiona lançou bolas e fez uns jogos com

a corda antes de correr até à cozinha para comer um par de mãos-cheias de aperitivos de queijo seguidos de uma maçã, para não se sentir culpada.

Comeu enquanto verificava e respondia a *emails* e correio de voz e tomava notas para o blogue que atualizava duas a três vezes por semana.

Fiona sabia que o blogue levava pessoas ao seu *website* — ou vice-versa. E assim conseguia mais inscrições na escola.

Restava-lhe tempo suficiente para esvaziar a piscina e rever o plano da aula para o grupo seguinte. Quando estava a preparar o material, ouviu um veículo atravessar a ponte.

Lá se ia o sossego, pensou ela, e franziu o sobrolho quando, pela segunda vez em dois dias, viu um veículo estranho percorrer o caminho de acesso a sua casa.

Levantou a mão para proteger os olhos do sol e reconheceu Rosie e Devin Cauldwell. Quando o automóvel dobrou a ligeira curva, Fiona vislumbrou Hugh sentado na sua cadeirinha no banco traseiro.

— OK, meninos, toca a portar bem. Cumprimentem.

Enquanto o veículo estacionava, os três cães alinharam-se e sentaram-se.

Devin saiu pelo lado onde estavam os cães. — Olá, *Peck*! Olá! — Quando *Peck* levantou a pata, Devin sorriu e baixou-se para lha apertar num cumprimento. — Que bom rever-te.

— *Newman* — disse Fiona enquanto Devin percorria a fila e apertava patas. — E *Bogart*.

— Calculo que seja fã de clássicos do cinema. — Estendeu a mão a Fiona. — Espero que a nossa visita inesperada não lhe cause transtorno.

— Claro que não. — Fiona virou-se para Hugh, que estava de mão dada com a mãe e todo janota com umas calças de ganga e uma camisola de capuz vermelha. — Olá, Hugh. Queres dizer olá ao *Peck* e aos seus amigos?

— Cachorrinhos! — Hugh aproximou-se para se abraçar a *Peck*. — Cachorrinho encontrou-me. Eu perdi-me.

Fiona apresentou o menino aos outros cães, que receberam todos um abraço.

— Ontem não cheguei a agradecer-lhe — disse Rosie.

— Estava um bocado preocupada.

— Eu... Não faz mal? — perguntou ela quando os cães se deitaram e Hugh começou a gatinhar por cima deles, às risadinhas, e a puxar-lhes as orelhas.

— Eles estão nas suas sete quintas. Adoram crianças.

— Já tínhamos falado em arranjar um cão. Tínhamos pensado esperar um ou dois anos, mas agora... — Rosie olhou para Hugh e sorriu. — Alguma recomendação quanto a raças adequadas a um menino de três anos com muita energia?

— É óbvio que tenho um fraquinho por labradores. São fantásticos com as crianças, com famílias, mas precisam de muita interação. E precisam de espaço.

— Nós temos um quintal e há um parque não muito longe de casa. Como me sinto neste momento, se houver por aí outro *Peck*, eu quero-o. Desculpe — acrescentou Rosie quando os seus olhos se encheram de lágrimas. — Ainda não consegui recompor-me do susto. Senhora Bristow...

— Trate-me por Fiona.

— Fiona. — Rosie estendeu as mãos para apertar as de Fiona. — Não há palavras. Não há. Não há retribuição possível, não temos como agradecer. Não há nada que possamos fazer que se compare ao que fez por nós.

— O Hugh está a brincar com os meus cães e a rir-se. É essa a retribuição. É para isso que fazemos o que fazemos.

Devin pousou um braço sobre os ombros da mulher. — Escrevemos uma carta à organização de busca e salvamento, a falar da sua unidade, e vamos enviá-la hoje com um donativo. É alguma coisa.

— É muito. E agradeço.

— Quando arranjarmos um cachorrinho, vamos inscrever-nos nas suas aulas — acrescentou Rosie. — Eu não escolheria outra pessoa para nos ajudar a treiná-lo. O agente Englewood disse-nos que tem uma escola de treino canino e que treina cães de busca.

— E, muito provavelmente, estamos a empatá-la. Mas, antes de irmos... Hugh, não tens uma coisa para a Senhora Bristow e para o *Peck*? Na verdade, como nos disseram que tinha três cães, — continuou Devin enquanto Rosie acompanhava Hugh ao automóvel, — nós trouxemos um para cada um.

Hugh regressou com os braços cheios com três enormes ossos de couro e largou-os diante dos cães.

— Não querem? — perguntou ele quando os cães não reagiram.

— Eles não lhes tocam enquanto não lhes disseres que podem. — Fiona colocou um osso diante de cada cão.

— Apanha o osso! Apanha o osso! — gritou Hugh.

Fiona acrescentou alguns sinais com a mão para que os cães

executassem um salto de felicidade e depois uma elegante vénia, arrancando risinhos a Hugh. — Eles disseram muito obrigado.

— O Hugh escolheu-as para si. — Rosie ofereceu um ramo de túlipas vermelhas a Fiona. — Disse que pareciam chupa-chupas.

— Parecem mesmo... e são lindas. Obrigada.

— Eu fiz um desenho. — Hugh tirou o desenho das mãos da mãe. — Sou eu, o *Peck* e tu.

— Uau! — Fiona admirou os rabiscos, círculos e linhas coloridos. — Está lindo.

— Este é o *Peck*. Ele é um cão grande. Esta é a Fee e este sou eu. Eu vou às cavalitas da Fee e este é o *Wubby*. Ele também vai às cavalitas. A mamã e eu escrevemos os nomes.

— É um lindo desenho.

— Podes pôr no «frigofífico».

— Vou pôr. Obrigada, Hugh. — Abraçou o menino e inspirou o seu aroma a inocência e liberdade.

Depois de lhes acenar em despedida, Fiona entrou em casa para prender o desenho na porta do frigorífico e colocar as túlipas «chupa-chupa» numa jarra num tom azulão.

E deu graças por dispor ainda de alguns minutos para se recompor antes da chegada dos alunos para a aula seguinte.